

Ampliando o olhar sobre os internatos escolares

Joaquim Tavares da Conceição¹

Resumo

Este artigo direciona o olhar para os internatos propondo a articulação de abordagens culturais e de gênero, discutindo igualmente a utilização de fontes orais e da literatura para a compreensão da temática. O recurso à abordagem cultural é um instrumental adequado tanto por enfatizar o valor da descrição das particularidades culturais do *microcosmo* do internato, como por ajudar a interpretar suas “teias de significados”. Assim, através de uma operação etnográfica, o “mundo do internato” será visitado. O espaço, as práticas sociais, as relações de grupo, formas de controle e de hierarquia, atividades coletivas impositivas, entre outras, serão descritas e interpretadas. A articulação com as questões de gênero também contribui para a visualização e análise de modelos de comportamento que nortearam a vida de meninos e meninas no internato, suas singularidades histórico-sociais e culturalmente atribuídas. De outro modo, o uso de fontes orais e da literatura permite o conhecimento de fatos ausentes em documentos e a “forma como o grupo os vivenciou e percebeu”.

Palavras-chave: Internatos. Abordagens Culturais. Fontes.

¹ Doutor em História Social pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professor da Universidade Federal de Sergipe – Colégio de Aplicação e Programa de Pós-graduação em Educação. E-mail: joaquimcodapufs@gmail.com

Extending the sight about boarding school

Abstract

This article directs the sight to the boarding schools proposing the association of cultural approaches and gender, equally discussing the use of oral sources and literature to understand the subject. The use of cultural approach is a suitable instrument both for emphasizing the value of the description of the cultural features of the boarding microcosms, as well as helping to interpret their “webs of meaning”. Thus, through an ethnographic operation, the “boarding world” will be visited. The space, social practices, group relationships, forms of control and hierarchy, collective imposed activities, among others, will be described and interpreted. The association with gender issues also contributes to the visualization and analysis of behavioral models that guided the lives of boys and girls in boarding school, its historical-social singularities and culturally attributed. Otherwise, the use of oral sources and literature allows the knowledge of missing facts and documents and the “way how the group experienced and realized them.”

Keywords: Boarding Schools. Cultural Approaches. Sources

Ampliando la visión sobre los internados escolares

Resumen

Este artículo dirige la mirada hacia los internados, al proponer la articulación de abordajes culturales y de género, y discutir igualmente la utilización de fuentes orales y de la literatura para la comprensión del tema. La recurrencia al abordaje cultural es un instrumento adecuado, tanto para enfatizar el valor de la descripción de las particularidades culturales del *microcosmos* del internado, como para ayudar a interpretar sus “estructuras de significados”. Así, a través de una operación etnográfica, el “mundo del internado” será visitado. El espacio, las prácticas sociales, las relaciones de grupo, formas de control y de jerarquía, actividades colectivas impositivas, entre otras, serán descritas e interpretadas. La articulación con las cuestiones de género también contribuye con la visualización y análisis de modelos de comportamiento que guiaron la vida de niños y niñas en el internado, sus singularidades histórico-sociales y culturalmente atribuidas. De otro modo, el uso de fuentes orales y de la literatura permite el conocimiento de hechos ausentes en documentos y la “forma en que el grupo los vivenció y percibió”.

Palabras clave: Internados. Abordajes Culturales. Fuentes.

Introdução

A presença marcante dos internatos escolares na sociedade brasileira e a utilização desse modelo para a formação de uma elite dirigente masculina e na escolarização feminina, sobretudo no final do século XIX e na primeira metade do XX, as suas funções sociais, o funcionamento e as práticas culturais que tiveram lugar nos internatos, constitui-se ainda uma “zona silenciosa” no campo da História da Educação, daí sua originalidade. Mediante tal constatação, este trabalho direciona o olhar para os internatos propondo a articulação de abordagens culturais e de gênero, discutindo também a utilização de fontes orais e dos escritos literários para a compreensão dessa temática. A pesquisa que toma como objeto os internatos pode, a partir das abordagens indicadas, eleger como aspectos centrais os escolares na condição de internos (pensionistas), os espaços de internamento, as práticas culturais, os debates e as funções sociais dos internatos, articulando sobre as características encontradas nas fontes abordagens culturais da história social.

O internato é compreendido como um modelo escolar, com práticas educativas próprias, caracterizado pelo isolamento do mundo (controle das saídas, do tempo de férias, entrada de jornais, correspondência, controle de livros e revistas e da intervenção de pessoas estranhas) e pela formação integral através da utilização de uma determinada organização e controle do tempo e do espaço (Conceição, 2012). O seu estudo desafia um olhar para o detalhe a fim de produzir interpretações sobre padrões e significados simbólicos desse fenômeno histórico-cultural, podendo revelar “de que modo o sistema social se ajusta e como os seus participantes percebem a si próprios e ao mundo exterior” (Desan, 1995, p. 70). Assim, na problematização de caráter geral do internato são aspectos importantes a serem investigados a configuração e vestígios históricos dos colégios-internatos, abordando o surgimento dos internatos para fins de instrução ou educação, apresentando as influências da pedagogia moderna, da educação jesuítica e do modelo de colégio-internato europeu na configuração dos internatos brasileiros. Também são relevantes os debates sobre a salubridade física e moral dos internatos advindos do campo médico e a respeito de propostas e/ou a efetiva-

ção da implantação de internatos públicos discutida por autoridades da instrução e outros intelectuais.

Os questionamentos específicos a respeito da cultura do internato escolar giram em torno da compreensão dos escolares na condição de internos (pensionistas) e de aspectos internos da configuração dos internatos (espaço e práticas). Dessa forma, a pesquisa sobre a temática do internamento escolar poderá evidenciar as regularidades e características predominantes da pedagogia de internar e destacar o papel social desempenhado pelo modelo colégio-internato. Na caracterização dos sujeitos e das condições de sustentabilidade do internato, o perfil sócio-econômico e a procedência dos internos e a introdução destes na cultura do internato são variáveis que devem ser enfrentadas. Igualmente, é importante focar o corpo responsável pela formação e supervisão dos internos, os bens e serviços disponibilizados e os custos com o internato. Em relação aos espaços dos internatos, a compreensão gira em torno das disposições e adaptações de prédios para os serviços do internato, o surgimento e organização de espaços planejados para servir como internato – o edifício-internato.

Articulando cultura e gênero no estudo dos internatos

O estudo dos internatos escolares desafia um olhar para o detalhe a fim de produzir interpretações sobre padrões e significados simbólicos desse fenômeno histórico-cultural, podendo revelar “de que modo o sistema social se ajusta e como os seus participantes percebem a si próprios e ao mundo exterior” (Desan, 1995, p.70). O recurso a abordagem cultural dos internatos procura visualizar os escolares na condição de internos, o “edifício-internato” com seus espaços específicos de internamento (dormitórios, refeitório, pátio, instalações sanitárias etc.), as relações próximas, diuturna e constante entre “equipe dirigente” e internos, a construção de identidades feminina/masculina e as funções sociais do modelo educacional. Objetiva-se uma visita ao *microcosmo* dos internatos dando conta da “história real” dos indivíduos internos, ainda que apenas seja possível iluminar “evidências incompletas e imperfeitas” (THOMPSON, 1981, p. 50).

Ao enfatizar o papel da cultura na história social dos internatos são importantes as interpretações da antropologia, a exemplo do modelo de “descrição densa” geertziana (GEERTZ, 1978). Para esse modelo o papel da cultura pode ser visto como uma “espécie de mecanismo sutil para a manutenção da ordem, do significado e da coesão social” (DESAN, 1995, p. 86). Assim, o recurso à abordagem cultural é um instrumental importante tanto por enfatizar o valor da descrição das particularidades culturais, como por ajudar a interpretar suas “teias de significados”, acreditando que “nas suas esquisitices – sejam encontradas algumas das revelações mais instrutivas sobre o que é ser genericamente humano” (GEERTZ, 1978, p. 55). Trata-se, portanto, de realizar uma operação histórica de natureza etnográfica, visitando o “mundo do internato” descrevendo e interpretando o espaço, as práticas sociais, as relações de grupo, formas de controle e de hierarquia, atividades coletivas impositivas, entre outras. Essa abordagem histórica aceita a “interação dialética entre economia e valores, entre estrutura e operação, entre os elementos materiais e culturais da existência” (DESAN, 1995, p.69).

No estudo dos internatos essa relação dialética pode ser percebida na educação disseminada por eles, que pode ter funcionado como fatores culturais para a formação de uma “identidade de classe” (THOMPSON, 1987). Assim, sabendo que o universo dos estudantes internados nos colégios-internato, na segunda metade do século XIX até a primeira metade do século XX, era formado predominantemente por estudantes filhos e filhas de grandes proprietários rurais, industriais, grandes e médios comerciantes, profissionais liberais e funcionários públicos graduados (CONCEIÇÃO, 2012), a cultura dispensada nos tradicionais colégios-internatos teve a função social de formar os futuros dirigentes e intelectuais de um determinado segmento social ou classe social¹, entendendo que a escola

[...] não se revela principalmente como uma instância de transmissão de saberes e do ‘saber fazer’, mas de preferência é um espaço simbólico onde os indivíduos vêm encontrar uma espécie de confirmação cultural de seu pertencimento a certas origens. Ela não é um simples modo de reprodução de posições sociais, mas participa

na emergência e coesão de uma classe em formação (PETITAT, 1982, p.70).

Deste modo, os colégios-internatos, enquanto produtores e reprodutores da ordem social contribuíram para a manutenção das desigualdades entre as classes. Ou de outra forma, a vida no internato refletia os valores existentes na sociedade e poderia ajudar a transformá-la ao atribuir novos comportamentos, papéis, poder e status. O debate sobre as relações entre o *microcosmo* do internato e o *macrocosmo* social fez parte dos discursos de intelectuais, sobretudo na segunda metade do século XIX, tal como ilustrado na escrita, realista e autobiográfica, de Raul Pompéia em *O Ateneu* (1888):

Discutiu a questão do internato. Divergia do parecer vulgar, que o condena. É uma organização imperfeita, aprendizagem de corrupção, ocasião de contato com indivíduos de toda origem? O mestre é a tirania, a injustiça, o terror? [...] A reclusão exacerba as tendências ingênnitas? Tanto melhor é a escola da sociedade. Ilustrar o espírito é pouco; temperar o caráter é tudo. É preciso que chegue um dia a desilusão do carinho doméstico. [...] O internato é útil; a existência agita-se como a peneira do garimpeiro: o que vale mais e o que vale menos, separam-se. [...] Não é o internato que faz a sociedade; o internato a reflete. A corrupção que ali viceja, vai de fora. Os caracteres que ali triunfam, trazem ao entrar o passaporte do sucesso, como os que se perdem, a marca da condenação (POMPÉIA, 2001, p. 144).

Uma característica do internato é manter os alunos sempre à mão para a realização de diversas práticas institucionalizadas. Os internos somente retornavam para casa nas férias, a grande parte do tempo passava no internato, inclusive os feriados: “Minha gente morava no sertão, no Cariri. Por causa disso eu só passava em casa as férias grandes; o resto do ano tirava-o todo no Colégio: Semana Santa, São João, tudo” (QUEIROZ, 2005, p.39). A longa permanência no internato também costumava provocar uma nostalgia ou saudade de casa, como ilustrada na escrita de José Lins do Rego, em suas recordações de menino interno, na primeira metade do século XX: “A liberdade licenciosa do engenho so-fria ali amputações dolorosas. Preso como os canários

nos meus alçapões. Acordar à hora certa, comer à hora certa, dormir à hora certa. E aquele homem impiedoso para tomar lições [...]” (REGO, 1995, p. 7).

A educação dispensada nos internatos constituía-se em privilégio de classes ou de posições sociais de famílias ricas, segmentos que podiam fazer face aos dispêndios do internato. O investimento financeiro ou de qualquer outra espécie para colocar um filho ou filha no internato estava na relação da eficácia de reprodução ou da importância do capital cultural institucionalizado² transmitido nesses estabelecimentos em relação ao capital econômico³ das famílias. Deste modo, as famílias serviam-se dos internatos como uma estratégia de reprodução educativa, movidas por “[...] uma tendência a perpetuar seu ser social, com todos os poderes e privilégios [...]” (BOURDIEU, 1996, p. 4). O internato quase sempre servia a esse interesse, pois era um espaço de distinção social, ou diferenciação social, pela formação de disposições ou de *habitus*, entendido como “[...] princípio gerador e unificador que retraduz as características intrínsecas e relacionais de uma posição em um estilo de vida unívoco, isto é, em um conjunto unívoco de escolhas de pessoas, de bens e de práticas” (NOGUEIRA, 1998, p. 21). O tempo de permanência no internato foi importante para a interiorização desses princípios culturais produtores de experiências comuns (BOURDIEU, 1982).

Contudo, a transmissão de valores não se fazia sem conflitos. Nem todos se enquadravam na “fôrma” do internato. Diante do regime de horários, tarefas regradas e pela própria idade imatura e costumes trazidos de casa, os internos iam transgredindo, da forma que podiam, diante das imposições dos fiscais e manifestando a recusa de viver no internato. As análises de Michel Foucault sobre o poder disciplinar e de Erving Goffman sobre “instituições totais” apresentam-se como ferramentas importantes para a compreensão de aspectos micros dos internatos, sobretudo das técnicas disciplinares postas em circulação nos internatos a fim de *normalizar* o interno aos propósitos do estabelecimento. No *microcosmo* do internato, em geral, os internos eram submetidos a uma “vigilância hierárquica” (FOUCAULT, 2003) ou a uma “autoridade escalonada” (GOFFMAN, 1974) com muitos postos de observação (diretor, professor, inspetor) das

condutas individuais, dando ensejo a “multiplicidades organizadas” pelo controle do tempo e do espaço.

O nível de disciplinarização de cada instituição vai depender do grau de fechamento que procurou atingir, dos fins proclamados e, sobretudo, da prática cotidiana que o grupo dirigente impôs aos internos. Diante disso, a pesquisa deverá elucidar a trajetória do controle das individualidades, o “poder disciplinar” colocado em funcionamento nos colégios internatos através do “olhar hierárquico”, da “sanção normalizadora” e do procedimento do “exame” (FOUCAULT, 2003). Assim, os comportamentos desviantes quase sempre provocavam uma “sanção normalizadora” que qualificava e reprimia uma série de comportamentos indiferentes (micropenalidade ou infrapenalidade) para o ordenamento jurídico, mas puníveis no *microcosmo* do internato. Dessa maneira, fazia parte da penalidade disciplinar dos internatos a

[...] inobservância, tudo o que está inadequado à regra, tudo o que se afasta dela, os desvios. É passível de pena o campo indefinido do não-conforme: o soldado comete uma ‘falta’ cada vez que não atinge o nível requerido; a ‘falta’ do aluno é, assim como um delito menor, uma inaptidão a cumprir suas tarefas (FOUCAULT, 2003, p.149).

A disciplina nos internatos configurava-se como “uma anatomia política do detalhe”, ensejando uma micropenalidade do tempo, da atividade, da maneira de ser, dos discursos, do corpo e da sexualidade (FOUCAULT, 2003). O exercício do poder disciplinar nos internatos visava a aumentar as habilidades e sujeição do indivíduo. Ela cria uma “anatomia política” do corpo que aumentava “as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminuía essas mesmas forças (em termos políticos de obediência)” (FOUCAULT, 2003, p.119). Executava para isso o controle dos corpos dos indivíduos no espaço e no tempo (corpos localizados), impõe atividades planejadas e fabrica “multiplicidades organizadas” pela combinação ou composição das forças.

O estudo histórico desse universo disciplinar deverá levar em consideração as trocas culturais entre os valores da instituição e os reflexos dos valores que circulavam na época no *macrocosmo* social, pois

[...] as normas disciplinares se apóiam em valores aceitos pela comunidade escolar (ou por parte dela) e são, em resumo, expressão de relações sociais mais amplas. Assim, por não se tratar de um dispositivo exclusivo da pedagogia tradicional em curso nos colégios, a disciplina escolar deve ser compreendida como uma extensão de princípios e valores presentes na vida social (ANDRADE, 2000, p.112).

Apesar dos conflitos e das dificuldades de adaptação foi predominante uma cultura geral distintiva na sequência educacional dos filhos e filhas das elites, ou seja, quase sempre deslocados do ambiente familiar para os internatos, continuavam submetidas às regras de civilidade adequadas a sua posição social e de gênero (CONCEIÇÃO, 2012).

Quanto ao papel social desempenhado pelos colégios-internatos, de modo geral são elucidativas as análises de André Petitat sobre os colégios como espaços para formação de um determinado segmento social (PETITAT, 1995). De igual forma foram as contribuições de Georges Snyders sobre o ensino e a pedagogia tradicional na França (SNYDERS, 1974) para verificar influências na educação brasileira; o trabalho de Philippe Ariès no que diz respeito à evolução do modelo colégio-internato francês (do internato ao externato), sua estrutura e funcionamento, entendido como espaço privilegiado para adestramento da infância (ARIÈS, 1973).

Acrescentem-se ainda as contribuições de Antoine Prost (Prost, 1968) sobre a vida escolar nos internatos do século XIX, em que o autor apresenta a cultura dispensada pelos colégios como fator importante para a formação de notáveis ou futuros dirigentes. Para caracterizar a cultura brasileira, suas rupturas e continuidades, são fundamentais, dentre outras, as contribuições de Gilberto Freyre sobre a decadência do patriarcado rural e o desenvolvimento urbano (FREYRE, 1968) e seus impactos na “pedagogia de internar”.

Igualmente importantes para este estudo, especialmente para a compreensão do discurso médico-higiênico sobre os internatos, foram as abordagens de Michel Foucault a respeito da sexualidade dos colegiais, mais especificamente a campanha contra a masturbação – a “raiz real, de quase todos os males possíveis”

(FOUCAULT, 2002, p. 74). Segundo Foucault, a campanha antimasturbatória consubstanciou-se como uma das fases da “pedagogização do sexo da criança” que teve seu desenvolvimento durante os séculos XVIII e XIX, com uma dupla afirmação de que

[...] quase todas as crianças se dedicam ou são suscetíveis de se dedicar a uma atividade sexual; e de que tal atividade sexual, sendo indevida, ao mesmo tempo ‘natural’ e ‘contra a natureza’, traz consigo perigos físicos e morais, coletivos e individuais; as crianças são definidas como seres sexuais ‘liminares’, ao mesmo tempo aquém e já no sexo, sobre uma perigosa linha de demarcação; os pais, as famílias, os educadores, os médicos e, mais tarde, os psicólogos, todos devem se encarregar continuamente desse germe sexual precioso e arriscado, perigoso e em perigo [...] (FOUCAULT, 2009, p. 115).

Na abordagem cultural dos internatos as questões de gênero podem ser formuladas com a finalidade de interpretar diferenças entre os tratamentos dados aos sexos. Para Lynn Hunt o gênero foi “uma das mais críticas configurações de diferenciação na cultura e na sociedade. Sem alguma discussão do gênero, nenhum relato de unidade e diferença culturais pode estar completo.” (HUNT, 1995, p. 24). O gênero é compreendido como “um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder.” (SCOTT, 1990, p. 14). Nas instituições e organizações sociais, como a escola, é que o gênero foi historicamente construído. Assim, seu estudo não pode ser reduzido às questões de família:

Alguns(mas) pesquisadores(as), notadamente antropólogos(as), reduziram o uso da categoria de gênero ao sistema de parentesco (fixando o seu olhar sobre o universo doméstico e na família como fundamento da organização social). Precisamos de uma visão mais ampla que inclua não só o parentesco, mas também (em particular, para as sociedades modernas complexas) o mercado de trabalho (um mercado de trabalho sexualmente segregado faz parte do processo de construção de gênero), a educação (as instituições de educação somente masculinas, não mistas ou mistas fazem parte do mesmo processo) [...] grifo nosso (SCOTT, 1990, p.15).

O internato é um campo com grandes possibilidades para uma abordagem histórica que inclui gênero, pois ele funcionou como espaço para a construção de identidades masculino/feminino e diferenciação entre os sexos. Questões de gênero ajudam a visualizar e interpretar os modelos de comportamento que nortearam a vida de meninos e meninas no internato, suas singularidades histórico-sociais e culturalmente atribuídas. Sobretudo, contrapor a um discurso de uma desigualdade inata entre homens e mulheres.

Ao incutir determinados padrões de civilidade, diferenciados por sexo, os internatos ajudaram na construção social de papéis sexuais. O estudo a respeito das práticas formativas desenvolvidas nos internatos femininos e masculinos é um viés importante para perceber as diferenças de gênero e que podem ser estudados de forma relacional. Assim, a utilização de gênero como categoria analítica refina o olhar do historiador para perceber e interpretar essas diferenças na organização do espaço (dormitórios), no exercício do poder disciplinador, nas práticas institucionalizadas, nas liberalidades (saídas, cartas, jogos), na obrigatoriedade de práticas religiosas e de condutas comportamentais, dos internatos. Tudo isso visando dar uma maior visibilidade ou densidade na abordagem cultural da história social dos internatos.

A oralidade e os escritos literários

Em uma diversidade de tipologia de fontes podem ser encontrados registros de diversas características culturais dos internatos, como as condições sanitárias e de alimentação (relatórios de inspeção escolar, discursos médicos); questões envolvendo as mensalidades ou pensões, enxovais (jornais, processos judiciais); informações sobre o perfil sócio-econômico dos alunos matriculados como internos (livros de matrícula, dados estatísticos); registros sobre transgressões, castigos, sexualidade (livros de registro de ocorrências, romances, cartas, diários), caracterização dos espaços específicos do internato (plantas arquitetônicas dos colégios); entre outros aspectos e fontes que contribuem para uma escrita da história dos internatos.

Entretanto, na medida em que se busca particularidades culturais do *microcosmo* dos internatos nem sempre es-

sas fontes respondem aos questionamentos formulados. Diante disso, ressalta-se a importância das fontes orais para “visitar” o cotidiano e dar vozes aos personagens do internato, silenciados nos documentos escritos, principalmente ex-internos e ex-funcionários, diretamente ligados aos serviços do internato (inspetores de alunos, lavadeiras, cozinheiros); estes últimos nem sempre lembrados pelas pesquisas históricas.

Os depoimentos podem ser coletados através da técnica da entrevista semi-estruturada, em que são articuladas perguntas previamente formuladas com a abordagem livre de tema proposto pelo informante. O questionário ou roteiro pode ser produzido a partir das evidências históricas preliminarmente encontradas nas fontes escritas ou em depoimentos anteriores.

O uso da oralidade permite o conhecimento de fatos ausentes em documentos históricos e a “forma como o grupo os vivenciou e percebeu” (ALCAZAR, 1992). Os saberes adquiridos e as práticas podem, a partir de questões formuladas, adquirir uma maior densidade. A reconstrução de histórias de vida permite que ex-internos/internas se posicionem em relação ao mundo do internato e ao pesquisador ir percebendo e interpretando as informações coletadas.

As recordações podem mostrar as diferenças de alimentação, disciplina, organização dos dormitórios, atividades religiosas, entre outras. Comparando dois internatos dirigidos por ordens religiosas católicas, sendo um feminino e outro masculino, podemos perceber que as práticas religiosas no primeiro eram mais intensificadas, fiscalizadas e com alto grau de obrigatoriedade, já para os moços era possível uma maior autonomia e escolha. As diferenças entre os registros (documentos manuscritos, impressos, orais, visuais, – oralidade) não impedem uma interação ou “relação dialética” entre os mesmos. “É necessário, pois, trabalhar com os dois registros, sem que isso signifique que sejam complementares. Há coisas que nunca poderemos saber a partir de documentos escritos e, também, há coisas que a pesquisa oral não permite sequer que sejam colocadas” (ALCAZAR, 1992). O recurso à memória, da mesma forma que nos documentos escritos, não possibilita “reviver o passado tal e

qual”, ao historiador cabe a tarefa de “reconstituir, no que lhe for possível, a fisionomia dos acontecimentos. Nesse esforço exerce um papel condicionante todo o conjunto de noções presentes que, involuntariamente, nos obriga a avaliar (logo, a alterar) o conteúdo das memórias” (Bosi, 1995). Essa compreensão da memória toma como base principal a teoria psicossocial de Maurice Halbwachs. Para Halbwachs existe uma inerência da vida social no processo de reconstrução da memória, ela depende das relações do indivíduo com o ambiente externo

[...] não subsistem, em alguma galeria subterrânea de nosso pensamento, imagens completamente prontas, mas na sociedade, onde estão todas as indicações necessárias para reconstruir tais partes de nosso passado, as quais nos representamos de modo incompleto ou indistinto, ou que, até mesmo, cremos que provêm completamente de nossa memória. [...] Sem dúvida, reconstruímos, mas essa reconstrução se opera segundo linhas já demarcadas e delineadas por nossas outras lembranças ou pelas lembranças dos outros. As novas imagens se polarizam em torno do que, para essas outras lembranças, permaneceria sem elas, indeciso e inexplicável, mas que nem por isso deixaria de ser uma realidade (HALBWACHS, 1990, p. 77).

Deste modo a utilização da oralidade deve levar em consideração as condições em que se encontra o recordador e sua condição de classe, fatores importantes para identificar como, na sua narrativa, o sujeito vão iluminando ou obscurecendo lembranças, compreendendo que toda “a memória coletiva tem por suporte um grupo limitado no espaço e no tempo” (HALBWACHS, 1990, p. 86). O grupo é o suporte da memória, pois ela é coletiva, mas é o indivíduo que recorda. Cada grupo vive de forma diferente o tempo. Como o tempo vivido no internato.

Por outro lado, considerando que a “dinâmica de funcionamento do internato escolar abordado pelo texto literário” (PERREIRA, 2002) possibilita compreender as regularidades, o *modus vivendi* e as marcas culturais de uma época de internamento, os “romances de internato”⁴ de caráter autobiográficos, podem ser explorados como fontes. Sobretudo, fontes utilizadas para enfrentar a dificuldade de captar e abordar aspectos da cultura do

microcosmo dos internatos nas fontes tradicionais da história e a possibilidade de fazer a correlação entre série literária e a vida social (PERRONE-MOISÉS, 1998). Esse recurso à dimensão narrativa possui implicações na própria concepção teórica do fazer historiográfico:

Por outro lado, para se construir um texto utilizando estas referências, é preciso dar valor especial à dimensão narrativa, que se torna parte da análise, entendendo a escrita da história como uma prática interpretativa. A busca de conjecturas, mais do que de verdades absolutas, pode ser inspirada em romances e narrativas literárias, embora esteja sempre informada por evidências que estão longe de ser ficção. É necessário ao historiador, em diversas situações, utilizar a imaginação para construir certos eventos, embora trate-se de uma imaginação controlada pelo constante informe das fontes (SAMPAIO, 2000, p. 15).

Os romances de internato *O Ateneu (1888)* e *Doidinho (1933)* são bastante elucidativos como a literatura oferece possibilidades para a elaboração de questionamentos e interpretações sobre a “pedagogia de internar”. São romances que contêm representações de uma determinada realidade histórica, os colégios-internatos, respectivamente, do final do século XIX e primeira metade do século XX, e que podem afinar a percepção do pesquisador, aguçando a criatividade e a imaginação científica para ir além da constatação do silêncio dos arquivos. São escritos literários que correspondem a uma analogia autobiográfica, funcionam como uma espécie de diário da trajetória escolar dos seus autores com doses de criação e realidade histórica.

Nesses dois romances o internato é representado como um “mundo”, um “microcosmo”, onde todos os aspectos do mundo exterior se fazem presentes: disputas, intrigas, competição, poder etc. Um mundo em três dimensões, o mundo do indivíduo, o mundo da família e o mundo da sociedade. Mundos diferentes, justapostos e em constantes conflitos. Uma passagem de vida transformadora onde se aprende a ser “gente”. Último recurso para “meninos sem jeito”. Internar para educar, controlar, moldando gestos, atitudes (“temperar o caráter é tudo”) pela pedagogia do medo e da temeridade dos castigos físicos e morais ou através de constantes emulações.

Considerações finais

A atitude do historiador deve ser de gerar o passado, sabendo que compreender o passado não é fugir para a ideologia, “nem dar um pseudônimo ao que permanece oculto. É encontrar na própria informação histórica o que a tornará pensável” (CERTEAU, 2002, p.123). Assumindo essa posição a operação historiográfica para a abordagem dos internatos, trabalhando nas margens, poderá descrever e interpretar a configuração e vestígios históricos dos colégios-internatos, abordando os sujeitos do internato, o papel social desempenhado pelo modelo, entre outros aspectos.

A indagação dos aspectos internos dos colégios-internatos, indicando uma mudança na forma de praticar e escrever a história, na qual tais aspectos tornam-se imprescindíveis para se compreender a construção social e cultural da sociedade brasileira, expandindo o campo da história por áreas inesperadas do comportamento humano.

Na pesquisa da história dos internatos a abordagem cultural é uma caminho a ser percorrido, para interpretar os significados do modelo a partir da utilização de categorias relacionais ou de experiências tais como cultura e gênero. Categorias analíticas que expressam diferenças, oposições, conflitos e/ou alianças e hierarquias provisórias em um determinado contexto histórico e refinam a análise das fontes. Entretanto, mesmo considerando a pertinência inicial desses conceitos, o material empírico coletado indicará as características presentes ou suas restrições na realidade histórica dos colégios-internatos a serem investigados.

A pesquisa da cultura dos internatos, poderá estabelecer uma compreensão do cotidiano dos internatos, destacando e analisando seus usos e costumes, o exercício do poder disciplinar, evidenciando as técnicas disciplinares de controle do espaço, do tempo e das atividades diárias dos internos e a instrução, além de buscar elucidar a relação entre a cultura dispensada nos internatos e a formação de um tipo ideal de homem pela permanente

inculcação de práticas civilizatórias. Assim, o internato, estratégia frequente na educação brasileira, marcada por momentos, finalidades e configurações históricas diferentes, pode ser compreendida através dos pressupostos da investigação histórica, com as contribuições de outras ciências (antropologia, sociologia) e fazendo uso de memórias e da literatura. Tomando o “mundo do internato” como significativo, compreendendo características histórico-culturais dessa forma de educar no contexto da sociedade brasileira.

Notas

1 Conforme o conceito de Thompson: “A classe é uma relação e não uma coisa (...). Ela não existe para ter um interesse ou uma consciência ideal (...). É um fenômeno histórico. Não vejo classe como uma estrutura, (...) mas como algo que ocorre efetivamente e cuja ocorrência pode ser demonstrada nas relações humanas. A classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) aos seus.” THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária na Inglaterra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 9-11.

2 No pensamento de Bourdieu o capital cultural pode ser compreendido sob três acepções ou estados: “no estado incorporado, ou seja, sob a forma de disposições duráveis do organismo; no estado objetivado, sob a forma de bens culturais [...] e no estado institucionalizado, forma de objetivação [...]”. Essa forma de objetivação pode ocorrer pela aquisição do diploma escolar. “Com o diploma, essa certidão de competência cultural que confere ao seu portador um valor convencional, constante e juridicamente garantido no que diz respeito à cultura, a alquimia social produz uma forma de capital cultural que tem uma autonomia relativa em relação ao seu portador e, até mesmo em relação ao capital cultural que ele possui, efetivamente, em um dado momento histórico”. BOURDIEU, Pierre. *Os três estados do capital cultural*. In: NOGUEIRA, Maria Alice e CATANI, Afrânio. (Orgs.). *Escritos de educação*. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 78.

3 As três noções de capital segundo Bourdieu são: o “capital econômico”, que corresponde a apropriação de bens materiais, o “capital social”, conjunto das relações sociais (amigos, laços de parentesco, contatos profissionais, etc.) mantidas por um indivíduo como estratégias de “apoios” para a atuação, e o “capital simbólico” que corresponde ao conjunto de rituais (como as boas maneiras ou o protocolo) ligados à honra e ao reconhecimento. NOGUEIRA, Maria Alice e CATANI, Afrânio. (Orgs.). *Escritos de educação*. Petrópolis: Vozes, 1998.

4 A fidelidade do romance brasileiro à temática do internato (indicações exemplares: *O Ateneu*, de Raul Pompéia, em 1888, *A falange gloriosa*, de Godofredo Rangel, em 1917, *Doidinho*, de José Lins do Rego, 1933, *As três Marias*, em 1939, de Rachel de Queiroz, e *Balão Cativo*, de Pedro Nava.) levou estudiosos da literatura brasileira, como Antonio Carlos Villaça (1995), a empregar o termo “romance de internato” para caracterizar essa recorrência nos escritos literários do romance brasileiro. É nesse sentido que o termo é empregado neste trabalho.

Referências

- ALCAZAR I GARRIDO, Joan Del. As fontes orais na pesquisa histórica: uma contribuição ao debate. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, nº 25/26, setembro/2002/agosto/2003.
- ANDRADE, Mariza Guerra de. **A educação exilada**. Colégio do Caraça. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- ARIÈS, Philippe. **L' enfant et la vie familiale sous l' Ancien Regime**. Paris: E'ditions Du Seuil, 1973.
- BOSI, Ecléia. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A Reprodução: Elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.
- _____. Pierre. **Razões práticas**. Sobre a teoria da ação. Campinas: Papyrus, 1996.
- CERTEAU, Michel. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense, 2002.
- CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares da. **A pedagogia de internar**. História do internato no Ensino Agrícola Federal (1934-1967). São Cristóvão: UFS, 2012.
- _____. Joaquim Tavares. **Internar para educar**. Colégios-internatos no Brasil (1840-1950). Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Bahia. 2012.
- DESAN, Suzanne. Massas, comunidade e ritual na obra de E. P. Thompson e Natalie Davis. In: HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- FOUCAULT, Michel. **Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- _____. **Vigiar e punir**. Nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 2003.
- _____. **História da sexualidade I**. A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 2009.
- FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos: Decadência do Patriarcado Rural e Desenvolvimento do Urbano**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice/ Editora Revista dos Tribunais, 1990.
- HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- NOGUEIRA, Maria Alice, NOGUEIRA, Cláudio M. Martins. **Bourdieu e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- PEREIRA, Leonice Rodrigues. **Uma visão do internato através da leitura de Doidinho de José Lins do Rego e de os Rios Profundos de José Maria Arguedas**. São Paulo: USP, 2002. (dissertação de mestrado)
- PERRONE-MOISÉS, Leyla (org.). **O Ateneu: Retórica e Paixão**. São Paulo: Brasiliense/EDUSP, 1988.
- PEREIRA, Leonice Rodrigues. **Uma visão do internato através da leitura de Doidinho de José Lins do Rego e de os Rios Profundos de José Maria Arguedas**. 2002. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.
- PETITAT, André. **Produção da Escola/Produção da Sociedade**. Análise sócio-histórica de alguns momentos decisivos da evolução escolar no ocidente. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- POMPÉIA, Raul. **O Ateneu**. São Paulo: Ática, 2001.
- PROST, Antoine. **Histoire de l'enseignement en France, (1800-1967)**. Paris: Armand Colin, 1968.
- QUEIROZ, Rachel de. **As três Marias**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.
- REGO, José Lins do. **Doidinho**. Rio de Janeiro, José Olympio, 1995.
- SAMPAIO, Gabriela dos Reis. **Nas Trincheiras da Cura**. As diferentes medicinas no Rio de Janeiro Imperial. 1995. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1995.
- SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. Recife, SOS corpo, 1990.
- SNYDERS, Georges. A pedagogia em França nos séculos XVII e XVIII. In: DEBESSE, Maurice; MIALARET, Gaston. **Tratado das ciências pedagógicas**. História da pedagogia. v. 2. São Paulo: Nacional, EDUSP, 1974.
- THOMPSON, E. P. **A Miséria da Teoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- _____. **A formação da classe operária na Inglaterra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- VILLAÇA, Antonio Carlos. **Doidinho** In: REGO, José Lins do. **Doidinho**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.

Recebido em 22 de janeiro de 2015.

Aceito em 16 de maio de 2015.